

Vocês estão enfiados em sua trincheira, necessariamente estreita, e vocês combatem; só vêem um setor da batalha. Dão ordens a vocês: "Atirem nesta direção!" E vocês atiram. Se vissem o conjunto, talvez não tivessem mais vontade de atirar; ou, pelo menos, vocês seriam um pouco desviados pela beleza ou pelo horror do espetáculo. Teriam assim perdido tempo e força. Os bons combatentes são aqueles que usam antolhos. Vocês usam, meus amigos, antolhos. Eu não gostaria de tirá-los.

— Oh! Oh! gritam todos em coro, estourando de rir. Ele nos poupa!

Rahel diz, virando-se para o doente:

— Você evita a batalha; desde quando Ephraim Michalovitch começou a ter piedade dos homens? É a velhice!

Ephraim Michalovitch sorri. Ele olha para Rahel e pensa: "Eu tive outrora este belo corpo; estes belos olhos, que me desdenham agora, fixavam-me outrora deslumbrados; esta boca insatisfeita me dizia: 'Nós dois podemos aniquilar e recriar o mundo!'" Ele estende seu espírito; suas têmporas suadas estalam. Ele fala; sua voz é tão triste e solene que todos se calam, emocionados:

— Há alguns anos, num dia de primavera, eu caminhava sem destino nas ruínas de Pompéia. O céu estava ligeiramente nublado, as ervas daninhas tinham invadido as soleiras e os pátios abandonados, as ruas estavam como eu as amo: desertas. Eu errava sozinho na cidade vazia, batia com um pau nas pedras e saía assobiando. Uma voz explodiu, de repente, em minhas entranhas: "Deus terrível de Abraão e de Lênin, faz com que eu flane assim um dia em Paris e em Londres e interpele meus camaradas em russo!" Eu me calei. Um pressentimento muito suave invadiu meu coração. As criptas de Pompéia transbordavam de víveres; as mulheres eram despudoradas, cheirosas e estêreis; os homens eram pequenos comerciantes velhacos, irônicos e fatigados. Todos os deuses — gregos, africanos, asiáticos — estavam lá, em multidão, empilhados numa miséria democrática; incrédulos, covardes e glutões. Toda a cidade, derrubada aos pés do Vesúvio, ria sem medo e sem deus. Eu me agachei sobre uma pedra; de improviso, tudo estava iluminado em mim. Eu vi!

Ephraim Michalovitch tosse, cala-se um pouco, fatigado. O suor pinga de sua testa. Ele bebe lentamente um gole de chá; retoma um pouco de força:

— Toda a terra, desde esse instante, me aparece como Pompéia, alguns minutos antes da erupção.

Ephraim Michalovitch se arrebatava bruscamente. Começa quase a gritar:

— Para que serve uma tal civilização com suas mulheres encruzilhadas, com seus homens-máquinas, com seu deus sífilítico? Que os bárbaros venham limpar a terra deste lixo! Neste peito de tuberculoso, eu sinto um abutre impiedoso que tem fome e

não gosta dos homens. Eu vejo com um olhar claro o instante em que o acaso me fez nascer: as massas que sofrem e têm fome se encaminham para a mesa abundante, onde os grandes senhores se sentam no trono, entorpecidos, prostrados, insolentes. Os grandes senhores ouvem de repente o zumzum e se voltam. Morrem de rir, depois se empalidecem, abaixam-se inquietos e olham: seus escravos e suas máquinas sobem para o assalto! Este instante é sublime e eu o saboreio com prazer!

— Eu sei ainda isto que vocês, os comunistas, não sabem, não ousam saber: logo que os assaltantes tomarem o poder — a mesa — eles começarão, eles também, a engordar e a se entorpecer. E outras massas sofredoras e famintas surgirão de novo sobre a terra. Assim, as torrentes humanas sobem e descem em cadência, sem trêgua, até o fim dos séculos. É isto o que sei, ó alminhas práticas!

Ephraim Michalovitch cala-se, ofegante. É sacudido por um acesso de tosse; tira precipitadamente seu lenço e se afasta para junto da janela. Rahel, apoiada sobre o queixo, com os olhos carregados de luzes, olha distante pela janela a hora azulada. Dina grita, levantando-se bruscamente:

— Ephraim Michalovitch, estou contigo! Agora, eu vejo.

Mas Markus esfrega os lábios com desprezo: murmura baixinho: "Místico."

— É você o místico! — grita Ephraim Michalovitch, que tinha escutado a palavra. — É você o místico e você, Itka, e vocês todos, os comunistas! Vocês crêem na idade de ouro que virá com o triunfo de sua idéia, acreditam no desaparecimento das classes, na cessação das guerras! Pobres otimistas beatos! Pobres místicos ingênuos! Vocês acreditam na felicidade!

Os cantos de seus lábios estavam cheios de espuma. Só Rosa teve piedade dele. Ela se levanta, envolve-o ternamente pela cintura, e o faz sentar. O doente, assim mimado por uma mão de mulher, sorri calmamente.

— Ponha-me um pouco de chá, Rosa. Tenho sede.

Ele bebe em silêncio, depois toca ligeiramente o joelho de Rahel.

— Rahel, diz ele, perdoa-me; eu te fiz mal.

Rahel sai perturbada. Atravessa rapidamente as ruas de Kiev. As castanheiras ruivas do outono brilham no ar úmido. Alguns grandes pingos de chuva. Rahel sente com volúpia o frescor sobre a nuca e o rosto ardente.

— Itka, tens razão. Lutar! Lutar!

Grande pátio de igreja. Um mendigo, alguns velhos padres em farrapos se esquivam, como ratos, roçando a parede. A soleira deslocada, devorada por uma jovem hera. De repente, Rahel estremece. Uma visão horrível surge das ervas daninhas. Sua irmã, Lia,